

Nuit ET Brouillard: uma reflexão da antinomia entre razão e humanização pelo paradigma principialista da bioética

Nuit ET Brouillard: a reflection of the antinomy between reason and humanization by the principialist paradigm of bioethics

DOI:10.34117/bjdv6n3-131

Recebimento dos originais: 03/02/2020

Aceitação para publicação: 10/03/2020

Janne Eyre Araujo de Melo Sarmiento

Doutoranda em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Plesbiteriana Mackenzie.

Instituição: Centro Universitário CESMAC-Maceió (AL)

Endereço: Rua Irís Alagoense, nº437- Farol, Maceió- AL, Brasil

E-mail: janneeyresarmiento@gmail.com

Claúdio Jorge Gomes de Moraes

Doutorando em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Plesbiteriana Mackenzie.

Instituição: Centro Universitário CESMAC-Maceió (AL)

Endereço: Rua Irís Alagoense, nº437- Farol, Maceió- AL, Brasil

E-mail: cjgmoraes@gmail.com

Rosiete Pereira da Silva

Mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo

Instituição: Centro Universitário CESMAC-Maceió (AL)

Endereço: Rua Irís Alagoense, nº437- Farol, Maceió- AL, Brasil

E-mail: rosietepereira@hotmail.com

Evanisa Helena Maio de Brum

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coordenadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário CESMAC

Instituição: Centro Universitário CESMAC-Maceió (AL)

Endereço: Rua Irís Alagoense, nº437- Farol, Maceió- AL, Brasil

E-mail: evanisa.brum@gmail.com

Eliseu Coutinho de Macedo

Professor Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Plesbiteriana Mackenzie.

Instituição: Universidade Plesbiteriana Mackenzie, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde- São Paulo (SP)

Endereço: Rua da Consolação, nº 930- São Paulo- SP, Brasil.

E-mail: elizeumacedo@uol.com.br

Paulo Sérgio Boggio

Professor Doutor, do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da
Universidade Plesbiteriana Mackenzie.

Instituição: Universidade Plesbiteriana Mackenzie, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde-
São Paulo (SP)

Endereço: Rua da Consolação, nº 930- São Paulo- SP, Brasil.

E-mail: psboggio@gmail.com

RESUMO

O objetivo desse texto é possibilitar uma compreensão sobre as determinações filosóficas da bioética na esfera cinematográfica, mais especificamente, bioética e cinema de arte. No entanto, a bioética rompe com a antinomia entre razão e humanização e propõe um fundamento antropológico, antropologia no sentido ontológico, ou seja, na perspectiva de um saber da pessoa na sua totalidade. Percebe-se, então, nas respectivas conceituações o relacionamento entre crise de paradigmas e a necessidade de revisão das teorias e práticas que vinham sendo utilizadas como saberes. O objetivo central do texto consiste na crítica das sociedades racionalizadas pela lógica sistemática do capital. A fundamentação ontológica da filosofia humanista possibilita compreender o sujeito mais global e continua sendo um instrumento dialético para romper com a exploração do capitalismo no contexto da produção científica.

Palavras-Chave: Cinema. Ciência. Inumanidade. Bioética.

ABSTRACT

The purpose of this text is to enable an understanding of the philosophical determinations of bioethics in the cinematographic sphere, specifically bioethics and art cinema. However, bioethics breaks with the antinomy between reason and humanization and proposes an anthropological foundation, anthropology in the ontological sense, that is, from the perspective of knowledge of the person as a whole. Therefore, in the respective conceptualizations, the relationship between crisis of paradigms and the need to revise the theories and practices that had been used as knowledge is perceived. The central objective of the text is the critique of societies rationalized by the systematic logic of capital. The ontological foundation of humanist philosophy makes it possible to understand the more global subject and remains a dialectical instrument to break with the exploitation of capitalism in the context of scientific production.

Keywords: Movie theater. Science. Inhumanity. Bioethics.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aponta como objeto de análise o cinema de arte como mediação bioética a partir das determinações do paradigma principialista, mais precisamente, cinema e violência, na reflexão do dispositivo ético. O estudo da Bioética no Programa de Pós-

Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, da Universidade Presbiteriana Mackenzie tem sua importância necessária, uma vez que, será compreendida como uma reflexão que precisa ser interpretada no seu contexto de aplicação na tentativa ética de proteger o usuário de todas às formas de inumanidades. Dessa forma, existe uma necessidade ontológica de refletir a partir de um registro cinematográfico o processo de desumanização com o olhar do paradigma principialista para possibilitar cada vez mais uma maior quantidade e qualidade de olhares dos estudantes do Programa de Doutorado dos Distúrbios do Desenvolvimento, sobre os desafios que o fazer científico precisa compreender para não mutilar os sujeitos da pesquisa. Apontamos, entretanto, para dois aspectos a serem interpretados no nosso texto. O primeiro deles consiste em elaborar um olhar crítico sobre o cinema como cultura de massa a partir da perspectiva frankfurtiana. O segundo aspecto está relacionado ao filme, *Nuit et Brouillard* de Alain Resnais dos anos 1950, na esfera do paradigma principialista da bioética, a imagem como se põe como *locus* interpretativo, lugar onde a inumanidade e a falência humana se reproduzem. Sendo o cinema um veículo de comunicação possuidor de possibilidades inesgotáveis de representações da realidade, o uso do filme na reflexão bioética proposta é, então, condizente com essa perspectiva. O texto segue apontando algumas questões gerais da Teoria Crítica, que servirão como contexto para a análise do trabalho.

O paradigma Iluminista no século XVIII, por sua vez, tenta organizar, definir, e enquadrar de forma nosológica os sujeitos na linearidade burocrática da racionalidade técnica e instrumental pelo silêncio ou indiferença dos diferentes. Assim comenta Yazbek:

A medicina – aquela que corresponde aos séculos XVII e XVIII – é de tipo classificatória, isto é, nela, tendo como modelo a história natural, âmbito de especialização da doença é da ordem taxonômica, o quadro nosográfico que faz do conhecimento uma tarefa de ordenação e organização hierárquica da enfermidade em família, gêneros e espécies. Neste registro, a doença é percebida fundamentalmente em um espaço de projeção sem profundidade e de coincidência sem desenvolvimento. Existe apenas um plano e um instante (YAZBEK, 2015, p. 56).

Michel Foucault oferece elementos para uma interpretação da importância que a medicina representa no silenciamento dos diferentes. Ora, ele se manifesta a partir do século

XVII por uma necessidade de assepsia social proveniente de pensamento cartesiano, que, por sua vez, insiste em identificar, enquadrar e normatizar o diferente. Reafirma Yazbek (2015):

portanto, para a medicina clássica a essência de uma enfermidade é definida por situação em um espaço nosológico, de sorte que, em contrapartida, está “medicina das espécies” convoca um olhar que não pretende penetrar na profundidade das coisas, mas sim dar-se como olhar classificatório, quer dizer, como olhar unicamente sensível às repartições de superfícies, em que a vizinhança é definida não por distâncias mensuráveis, mas por analogias de forma (YAZBEK 2015, p.56).

O mundo ocidental desenvolveu um projeto de docilização, a partir do método cartesiano, fundador da racionalidade técnica e instrumental atrelado ao mundo do trabalho que silencia pela indiferença o diferente, quando resiste a normatização imposta pelos sistemas e saberes na produção de diferenças.

2 PARADIGMA E RACIONALIDADE

Thomas Kuhn (1962) nos dá um elemento de interpretação da importância que o paradigma representa para a comunidade científica. Ora, ele se manifesta por uma noção de tradição, que, por sua vez, consiste em identificá-lo como um exemplo a ser seguido; em um outro momento, constatamos que esse próprio paradigma, também, é um elemento fundante na comunidade científica que atua como um tipo de identidade, tendo o poder de congregar um grande corpo de cientistas.

Porém, o mais notável, talvez, seja que tanto a abordagem platônica quanto à de Kuhn (1998) tenham como eixo comum o caráter exemplar do paradigma seguido pelo seu papel normativo que, durante bastante tempo, representou a base principal do discurso científico.

Percebe-se, então, nas respectivas conceituações (principalmente, o Positivismo e o Iluminismo), o relacionamento entre crise de paradigmas e a necessidade de revisão das teorias e práticas que vinham sendo utilizadas como saberes.

Diante da fragmentação do universo teórico, a ausência de uma verdade que pudesse estabelecer critérios e caminhos a serem percorridos, com base no modelo categórico de verdade, possibilitaria apontar um caminho para uma determinada centralidade no campo do conhecimento.

A partir da observação elaborada por Kuhn (1962) sobre as causas internas da crise dos paradigmas, seria necessário compreender como as causas externas se manifestam, e qual é a sua principal relação com o campo da teoria. Sendo assim, Kuhn, segue explicando que:

Causas externas são mudanças na sociedade e na cultura de uma época, que fazem com que as teorias tradicionais deixem de ser satisfatórias, perdendo assim o seu poder explicativo. Devem, portanto, ser substituídas por novas teorias, mais adequadas a essas ulteriores condições. Frequentemente ambos os tipos de causa vêm juntos em um contexto de revolução científica (KUHN, 1962, p. 16).

Kuhn (1962), propõe um eixo fundamental de análise sobre a mudança dos paradigmas: fazer uma relação com o campo da história da educação. No entanto, a parte mais essencial dessa discussão talvez seja o que alguns teóricos vêm chamando de dessacralização da História, que está bastante próxima do problema enfrentado pelos cientistas de áreas distintas, como, categoricamente, analisou Kuhn sobre as Revoluções Científicas. Segundo esses teóricos, a História precisa ser dessacralizada, ou seja, ela precisa ser construída a partir do outro, na experiência do cotidiano, ou da comunidade.

Mesmo apontando as “causas” da crise dos paradigmas, dificilmente conseguiríamos detectar, de forma totalizante, o universo de suas manifestações e consequências. Ainda mais quando relacionamos a essa crise um panorama histórico, cujo desenrolar apresenta um projeto puramente fundado na razão instrumental cartesiana, cientificista, tornando-se um paradigma dominante pelo espaço de, aproximadamente, quatro séculos e que, hoje, vivencia um forte mal-estar.

O efeito impactante da Modernidade, como o do Iluminismo na esfera cultural, teve o poder de transformar ou criar uma nova forma de relacionamento com o mundo e seus significados. É a partir dessa observação que Cambi faz o seguinte comentário:

[...] a Modernidade opera uma dupla transformação: o primeiro, de laicização, emancipando a mentalidade – sobretudo das classes altas da sociedade – da divisão religiosa do mundo e da vida humana e ligando o homem à história e à direção do seu processo (a liberdade, o progresso); segundo, de racionalização, produzindo uma revolução profunda nos saberes que se legitimam e se organizam através de um livre uso da razão, a qual segue apenas seus vínculos internos (sejam eles lógicos ou

científicos, isto é, analíticos ou experimentais), opondo-se a toda forma de preconceito (CAMBI, 1999, p. 198).

Percebe-se a relação que a Modernidade possui com os novos saberes que ela mesma instituiu. Nesse aspecto não há espaço para nenhum outro saber se não for baseado na razão classificatória e que tenha como objetivo o progresso contínuo e eficiente, ficando de lado qualquer relação de afetividade com o saber.

Nessa perspectiva a racionalidade instrumental torna-se um vetor ligado ao mundo do trabalho. A instrumentalidade da razão precisa obter a qualquer custo o seu objetivo a partir do enquadramento da subjetividade na lógica calculista entre meios e fins. Uma engrenagem construída a partir de um dispositivo de exclusão para silenciar os diferentes da ordem global. O projeto do paradigma instrumental justificou através do *Cogito* o mito da objetividade para implementar uma sociedade da eficiência, do cálculo e da desigualdade.

3 A ESCOLA DE FRANKFURT VERSUS CULTURA DE MASSA

A educação precisa se libertar das formas comuns e periféricas que a sociedade produz. A educação precisa buscar emancipar o sujeito das determinações do capitalismo e de todo processo de dominação e barbárie na contemporaneidade. Em contato com os meios de comunicação de massa, a educação perdeu a sua ontogênese humana, tornando-se reificação humana, um estágio menor e bárbaro, em relação ao da tradição da Escola de Frankfurt. É com bastante criticidade que os frankfurtianos repudiam uma educação desumanizada e mediada pelo fetichismo da mercadoria:

A abolição do privilégio educacional através do mecanismo de vendas de produtos culturais não abre para as massas as esferas das quais foram anteriormente excluídas, mas, dadas as condições sociais existentes, contribui diretamente para a decadência da educação e o progresso da inexpressividade bárbara (MATOS, 1993, p.69).

Tecendo a sua crítica sobre a cultura de massa, Matos (1997) observa que essa cultura se apresenta como uma psicanálise ao revés, enquanto Adorno e Horkheimer, *apud* Matos criticam:

[...] a cultura de massa não é nem cultura nem é produzida pelas massas: sua lei é a novidade, mas de modo a não perturbar hábitos e expectativas, a ser imediatamente legível e compreensível pelo maior número de espectadores ou leitores. Evita a complexidade, oferecendo produtos à interpretação literal, ou melhor, minimal. Assim, a mídia realiza a “caça à polisssemia”, pela demagogia da facilidade – fundamento da legitimidade desse sistema de comunicação (ADORNO e HORKHEIMER, *apud* MATOS, 1997, p. 70).

Cada vez mais os frankfurtianos se aproximam de uma compreensão de educação e de cultura que tem como princípio o questionamento da sociedade industrial e dos seus artigos e produtos. Não admitindo a relação da educação com os meios de comunicação de massa:

Os conteúdos educacionais divulgados pelos canais de comunicação de massa, dos quais a própria escola faz parte, são viabilizados pelo mecanismo de mercado e se submetem às suas leis. Neste momento, a educação, outrora o privilégio de elites e membros da intelligentsia, altamente selecionados, reverte-se na antieducação (FREITAG, 1987, p.64).

Em um sentido contrário, tal repúdio demonstra a crise que se estabeleceu com o conhecimento erudito, conhecido também como “autêntico”, que era compartilhado por um grupo exclusivo e seletivo. O período da educação, a partir dos meios de comunicação social, era entendido por alguns como democratização:

Uma é inimiga mortal da outra. “A democratização” da educação significa para Adorno inevitavelmente a banalização, a deterioração, a negação do saber e da cultura. Se em outras épocas as concepções míticas do mundo e as grandes religiões orientavam a consciência do campesinato e dos artesãos nos pequenos núcleos urbanos da Europa, a dessacralização e o desencantamento do mundo (Weber) deixaram um enorme vazio, que, longe de ser preenchido por conteúdos educacionais que efetivamente conduzissem o indivíduo à autonomia e à emancipação, deixaram entregues ao sabor da atuação da indústria cultural que se apressou em preencher as lacunas com uma pseudocultura (FREITAG, 1987, p.65).

Para Adorno, a lacuna que se estabeleceu na transição das antigas instituições, com as suas respectivas dessacralizações para um mundo mediado pela tecnologia, acabou deixando

os indivíduos na barbárie cultural, distante de qualquer tipo de crítica, ou mesmo da sua própria cidadania, uma vez que os frankfurtianos defendem com bastante veemência a emancipação dos sujeitos.

Em meio às circunstâncias criadas pelos dispositivos da racionalidade técnica e instrumental, esse autor sugere que a educação crítica seja um elemento fundamental na luta contra a cultura de massa e a alienação; que essas rivais sejam postas em xeque para a libertação dos indivíduos. Mas, ainda, Adorno, apud Freitag adverte:

Para que a educação volte a ser um processo de assimilação e elaboração da experiência pela consciência, sem heteronomia, isto é, sem a determinação externa de um sistema religioso incondicionalmente aceito ou de um programa de televisão assistido com a finalidade de preencher o vazio deixado pelo desaparecimento da religião, é preciso que se evite a tempo o bloqueio das consciências, sua calcificação definitiva (...), o enrijecimento das mentes pode ser evitado quando precocemente combatido, reforçando-se, na criança ainda pequena, a reflexão crítica e preservando-se, para o adulto, um tempo espaço vazio para refletir em suas horas de lazer (ADORNO, *apud* FREITAG, 1987, p. 66).

Diante das circunstâncias, o discurso de Adorno em viabilizar uma saída para a educação não estava nutrido de grandes esperanças, uma vez que a dinâmica e a velocidade da indústria cultural põem em dúvida o esforço para uma retomada da situação e, até mesmo, na implantação de um tipo de educação baseada na relação de produção capitalista reificada. A democratização da educação seria o próprio germe destrutivo, ou seja, o seu fim. A indústria cultural jamais poderia servir como ponto de referência para a educação:

Assim como uma sinfonia tocada por uma orquestra incompetente, longe de preparar o ouvinte para fruir futuramente a música de boa qualidade, pode deturpar irremediavelmente sua sensibilidade musical, a semi-educação pode obstruir para sempre o acesso da classe trabalhadora à verdadeira educação (FREITAG, 1987, p. 67).

Adorno (1986) rotula, definitivamente, a indústria cultural, declarando o fim da cultura, da educação e da arte a partir do advento do fenômeno da coisificação, passando a

considerar toda essa produção e, principalmente, a produção da educação e a da cultura como inferiores ao seu ideal de cultura e de educação para que Auschwitz nunca mais se repita, que, por sua vez, tem uma forte ligação com um modelo dominação capitalista do mundo. Porém, esse é o olhar criado por Adorno: o de criticar toda a cultura e a educação que tenha um envolvimento com a indústria cultural e os seus produtos. Na aplicação dessa estética à realidade vivida durante o nazismo surgem questões sérias no contexto do paradigma principialista da bioética. Com bem analisa o filme de Alain Resnais, *Nuit et Brouillard*.

4 NUIT ET BROUILLARD: PARADIGMA DA INUMANIDADE

Alain Resnais produziu o filme em 1955, no contexto da *Nouvelle Vague*, a partir de uma encomenda feita pelo Comitê Histórico da 2ª Guerra Mundial, onde filme apresenta inúmeros campos de concentração do período do holocausto e um intenso material documental que informa uma profunda depressão econômica no período. A crise do metabolismo do capital foi determinada, na esfera política, pelo declínio do liberalismo. As conquistas burguesas de liberdade foram perdidas, os direitos individuais foram exauridos, e a autonomia deu lugar à ditadura. Resnais aponta para o fim das condições humanas durante o processo de extermínio em série de produção fílmica.

A técnica da indústria cultural, por seu turno, na medida em que diz respeito à distribuição e reprodução mecânica, permanece ao mesmo tempo externa ao seu objeto. A indústria cultural tem o seu suporte ideológico no fato de que ela se exime cuidadosamente de tirar todas as consequências de suas técnicas em seus produtos (COHN; THEODOR, 1986.p.95).

Na verdade, a humanidade foi inserida numa escuridão profunda diante do holocausto. Assim, o cinema propõe um movimento de crítica e superação da condição inumana.

Hitler mandou que as execuções dos conspiradores fossem filmadas para seu próprio prazer visual – corpos atormentados pelas contorções mais torturantes pendendo de ganchos de açougue. Mais tarde Goebbel fez questão de que estes filmes fossem exibidos em público. Certamente destinavam-se a intimidar os opositores de regime, mas, ao mesmo tempo, pretendiam transmitir uma ideia da determinação e crueldade do nazismo (EKSTEINS, 1991.p. 400).

Colocamos em evidência os principais problemas que cruzam a inumanidade de *Nuit et Brouillard* e o paradigma principialista, como a fragmentação e as constantes reificações da condição humana. É a partir dessa obra fílmica que vamos realizar uma análise no tocante à transposição de um mundo fragmentado, em que aponta para um indivíduo, ou melhor, para o sujeito ocidental, centrado na razão iluminista, no momento em que já não mais possui vida, ou seja, tãatos, com a sua trombeta, anuncia a morte do sujeito em forma de extermínio da humanidade. Diante de tanta perplexidade, imposta pela racionalidade técnica e instrumental da modernidade, seria pertinente verificarmos como o eclipse da razão produziu uma barbárie incomensurável.

5 BIOÉTICA: O PARADIGMA PRINCIPALISTA

O ponto de partida para compreender o advento desse paradigma é a situação em que o período contemporâneo institui os novos referenciais e os problematizam diante da perplexidade produzida durante o holocausto nazista da obra fílmica em questão. Ao mesmo tempo o filme histórico estabelece impressões e leituras diante de uma forma distinta de compreender o mundo. Assim, Kuhn faz o seguinte comentário:

O historiador da ciência que examinar as pesquisas do passado a partir da perspectiva da historiografia contemporânea pode sentir-se tentado a proclamar que quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo. Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções. E o que é ainda mais importante: durante as revoluções, cientistas vêem coisas novas e diferentes quando, empregando instrumentos familiares, olham para os mesmos pontos já examinados anteriormente (KUHN 1962, p. 145).

Kuhn (1992) faz uma série de interpretações do conceito de paradigmas, construindo e identificando novas percepções de um momento que acabou indicando um mundo fragmentado e inundado por incertezas, que acabaram instaurando uma crise sobre os modelos que, até então, vinham norteando os princípios de verdade sobre a comunidade científica.

Para Kuhn(1962) o conceito de paradigma se apresenta da seguinte forma:

[...] de um lado indica toda a constelação de crenças, valores, técnicas, etc., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada. De outro, denota um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal (KUHN,1962, p. 218).

O teórico identifica duas causas fundamentais, que devem ser compreendidas como elementos geradores de rupturas, no núcleo da comunidade científica:

[...] há causas internas e externas dessas mudanças. As causas internas são o resultado de desenvolvimentos teóricos e metodológicos dentro de uma mesma teoria e também do esgotamento dos modelos tradicionais de explicação oferecidos pela própria teoria, o que leva a busca de alternativas (KUHN,1962, p.16).

A partir da observação elaborada por Kuhn (1962) sobre as causas internas da crise dos paradigmas, seria necessário compreender como as causas externas se manifestam, e qual é a sua principal relação com o campo da teoria:

Causas externas são mudanças na sociedade e na cultura de uma época, que fazem com que as teorias tradicionais deixem de ser satisfatórias, perdendo assim o seu poder explicativo. Devem, portanto, ser substituídas por novas teorias, mais adequadas a essas ulteriores condições. Frequentemente ambos os tipos de causa vêm juntos em um contexto de revolução científica (KUHN, 1962, p.16).

Kuhn (1992) nos dá um eixo fundamental de análise sobre a crise dos paradigmas e aponta para a possibilidade de analisar cada aspecto que foi sugerido no início do texto entre cinema e bioética a partir do paradigma principalista. No entanto, a parte mais essencial dessa discussão talvez seja o fundamento ontológico do paradigma da bioética:

Não se pode fazer bioética seriamente se não apoiar sobre um fundamento antropológico, antropologia no sentido filosófico, isto é, no sentido de um conhecimento da pessoa como sujeito na sua globalidade, filosofia humanista atenta em compreender a pessoa em todas as suas dimensões e por, isso, um humanismo o mais global possível (MALHERBE *apud* BARCHIFONTAINE, 1990,p.90).

O efeito impactante do fundamento antropológico, como o do sentido filosófico do sujeito na esfera da bioética, teve o poder de transformar ou criar uma nova forma de relacionamento com o sujeito e a pesquisa. É a partir dessa observação que Barchifontaine faz a seguinte exposição:

Paradigma principialista: sistematizado por Beauchamp e Childress enfatiza os princípios da tradição da ética médica: autonomia, que diz respeito à capacidade de quem tem racionalidade humana de fazer leis para si mesma, significa a capacidade de a pessoa governar-se a si mesma, ou a capacidade de se autogovernar, escolher, dividir, avaliar, sem restrições internas ou externas; beneficência: fazer o bem, cuidar da saúde, favorecer a qualidade de vida; não-maleficência: não fazer o mal; e justiça: princípio que obriga a garantir a distribuição justa, equitativa e universal dos benefícios dos serviços de saúde (BARCHIFONTAINE, 2004, p. 63).

Percebemos a relação que o paradigma principialista possui com os novos dispositivos de proteção da pessoa humana. No entanto, o período contemporâneo possui uma enorme dificuldade para instituir uma ética com valor universal. A crença no projeto da racionalidade técnica da modernidade, ou seja, admiração pelo ideal de pureza e ordem deixou de lado a necessidade de estabelecer diante dos vetores da racionalidade uma posição ética que pudesse revelar a impossibilidade da neutralidade do conhecimento científico com base no discurso da objetividade e da parcialidade. Assim, Iluminismo que nos seus primórdios pregava a razão funcional como uma das garantias da emancipação do sujeito, entrou em crise quando os críticos do projeto da modernidade questionaram a caráter estratégico da ciência, atribuindo à mesma uma relação direta com o saber/poder.

Enfim, abordar o tema da inumanidade e bioética é, ao mesmo tempo, seguir em um caminho cercado de luzes e sombras, ou seja, apontar, no imenso progresso da ciência contemporânea, a parte que foi excluída ou esquecida, pois, no caminho dessa ciência encontramos a produção de monstros, que agora agonizam, e projetos destruidores, como o desemprego estrutural substituído os campos de concentração do próprio nazismo. E, se antes reclamávamos a falta de luz, com o Iluminismo houve claridade em excesso; e, claridade em excesso, ofusca pelo processo de inumanidade.

6 CONCLUSÃO

No desenvolvimento deste texto, citamos alguns pensadores para refletir no contexto de uma perspectiva: como o entendimento da concepção de inumanidade é determinante para o paradigma principialista da bioética a partir do olhar cinematográfico. Delimitamos, os primeiros momentos do *Cahiers du Cinéma*, a partir dos conceitos de razão, inumanidade e educação.

O olhar que tentamos aqui apontar é de que não há possibilidade de evitar à antinomia entre razão e humanização. O que supera o fenômeno contraditório é o problema filosófico do paradigma principialista fundado na totalidade da pessoa humana.

Observa-se uma mudança efetiva dos teóricos no tocante ao entendimento do sujeito na sua totalidade a partir do paradigma principialista da bioética. A fundamentação ontológica da filosofia humanista possibilita compreender o sujeito mais global e continua sendo um instrumento dialético para romper com a exploração do capitalismo no contexto da produção científica. Evitando um capitalismo sem ética e com o inevitável esgotamento da sociabilidade humana. Sim, parafraseando Adorno, o cinema ensina que a arte se mantém fiel aos homens graças à sua inumanidade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **A educação após Aushwitz**. In: Gabriel Cohn (org): Theodor Adorno-Sociologia. São Paulo: Ática, 1986.
- BARCIFIOTAINÉ, Cristian de Paul de. **Bioética e início da vida**: alguns desafios. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- COHN, Gabriel. **Theodor, W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986.
- EKSTEIN, Modris. **A sagração da primavera**: a grande guerra e o nascimento da era moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- FREITAG, Bárbara. **Política Educacional e Industria Cultural**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.

Brazilian Journal of Development

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. Elementos do anti-semitismo. *In*: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max (Orgs.). **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo, perspectiva, 1992.

MATOS, Olgária C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1995.

YAZBECK, André Constantino. **10 lições sobre Foucault**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

FILMOGRAFIA

RESNAIS, A. (1955) **Nuit et Brouillard**. [filme – curta-metragem] Direção de Alan Resnais, texto de Jean Cayrol. U.S.A., Argos Filmes, “The Criterion Collection”, 2003, DVD, 31 min. Color and Black & White.